



**HENRIQUE
RODRIGUES**

O PRÓXIMO DA FILA

MANUAL DO PROFESSOR



VERUS
EDITORA



VERUS
EDITORA

**HENRIQUE
RODRIGUES**

**O PRÓXIMO
DA FILA**

MANUAL DO PROFESSOR



Elaboração do manual:

Cintia Barreto

Doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ e
curadora do projeto Conversa Literária.

| | |
|------------------|---|
| Título | O próximo da fila |
| Páginas | 192 |
| Autor | Henrique Rodrigues |
| Idioma | Língua portuguesa |
| Categoria | 6 |
| Temas | Projetos de vida; Inquietações das juventudes; O jovem no mundo do trabalho |
| Gênero Literário | Romance |

Romance: texto narrativo, de caráter imaginativo, constituído pelos elementos estruturadores: espaço, tempo, enredo, personagens e narrador. Sua característica principal é a de recriar a realidade, interpretando-a; no entanto, essa recriação precisa respeitar a verossimilhança (coerência) interna da obra.

Conversa com o professor

Estimado professor,

O próximo da fila, de Henrique Rodrigues, aborda os dramas vividos por um jovem até a vida adulta, mostrando as relações familiares e as mazelas sociais às quais estamos sujeitos. Trata-se, portanto, de um “romance de formação”. Somos convidados a acompanhar o protagonista nos idos dos anos 1990, com referências a canções de grupos como Legião Urbana e Scorpions, e outros elementos da época, como o popular Chevette, carro usado pela classe média, e a nota de 50 cruzados novos, que carregava a efígie de Carlos Drummond de Andrade e seu poema “Canção amiga”. Os espaços da narrativa remetem a espaços prosaicos do cotidiano, como a casa, a escola, o supermercado, a lanchonete.

Quem escreveu a história

Henrique Rodrigues nasceu em 1975 na cidade do Rio de Janeiro. Formado em Letras pela UERJ, cursou especialização em Jornalismo Cultural na mesma instituição e obteve Mestrado e Doutorado em Literatura pela PUC-Rio. Na juventude, trabalhou como atendente de video-locadora e de uma loja de uma grande rede de fast-food.

Sua formação acadêmica abriu portas para uma extensa participação em projetos voltados para o desenvolvimento da literatura e incentivo à leitura. Rodrigues é assessor técnico em literatura na rede Sesc Nacional, onde ajudou a formular o Prêmio Sesc de Literatura. Além disso, acumula vasta experiência na área: já foi coordenador pedagógico do programa Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia, superintendente pedagógico da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e pesquisador da Cátedra Unesco de Leitura da PUC-Rio.

Estreou como autor com o livro de poemas *A musa diluída*, em 2006, aos 31 anos. Depois de um período dedicado à poesia e ao público infantojuvenil, além de

participação em diversas antologias de contos, tomou fôlego para produzir seu primeiro romance: *O próximo da fila*, lançado em 2015. O livro ganhou edição francesa em 2018.

Mergulho no livro

Henrique Rodrigues foi balconista em uma das lojas da maior franquia de fast-food do mundo. Essa experiência é a base para *O próximo da fila*, que mistura elementos autobiográficos e memórias dos anos 1990. “Naturalmente, ter vivido por três anos numa lanchonete me deu mais experiências e vivências sobre esse ambiente, o que tornou o processo de escrita até divertido”, revelou em entrevista concedida em 2015 ao blog da Editora Record.

O próximo da fila enquadra-se na tradição do *Bildungsroman*, ou “romance de formação”, em que se acompanha o processo de amadurecimento moral e emocional do protagonista. Com doses de humor, além das relações familiares e interpessoais, aborda temas como exploração no trabalho, desigualdade social e preconceito.

Ambientado no início dos anos 1990, retrata o contexto político, econômico, social e cultural dessa época. As relações familiares são postas em xeque, acompanhadas, discutidas e vivenciadas em todas as suas nuances. A relação do personagem central com o pai inicia

a tônica da história. O protagonista, assim como os demais personagens, não é nomeado, o que nos ajuda a compreender que se trata de uma história que poderia ter acontecido com qualquer jovem de classe média como ele. Trata-se de mais uma “pessoa invisível” na sociedade capitalista.

O projeto gráfico-editorial convida à leitura, começando pela capa inusitada, que traz uma porção de batatas fritas com um pote de ketchup, comuns em lanchonetes. A capa, assim, torna mais clara a função literária.

A primeira parte do romance mostra a infância do protagonista ao lado do pai, que tenta, a todo custo, fazer com que o filho valorize as conquistas da vida, ensinando-lhe que tudo se consegue com esforço. Com frequência, o pai reconta sua própria história de vida e superação: “Você está vendo aqueles garotos ali empacotando? São chamados de marrequinhos. Trabalham, não têm a vida mansa que nem a sua” (p. 17).

Com a morte do pai provedor, a família inicia uma fase de declínio financeiro e emocional: precisa mudar de padrão de vida, mudando-se também para um bairro mais humilde. Nesse momento, surge, de forma mais contundente, a “primeira tia” do protagonista, irmã do pai, que, de forma dura, insiste para o menino contribuir com os gastos da casa. Diz que ele foi criado com muito mimo e incita a cunhada a tomar providências a este respeito. O protagonista, então, começa a trabalhar numa famosa rede de fast-food, para ajudar a mãe, com dois filhos para sustentar.

A ambientação da narrativa ocorre por meio de referências a símbolos da cultura pop da década de 1990, como o Chevette (p. 19). A nota de 50 cruzados novos, que traz no verso um poema, dialoga com o enredo da vida do jovem: “Antes de dormir, leio mais uma vez o poema escrito na nota ao lado da efígie de Carlos Drummond de Andrade. O poema se chama ‘Canção amiga’ e releio de vez em quando. Não entendo direito o final sobre fazer acordar os homens e adormecer as crianças” (p. 24). O autor faz ainda referência a ícones da música dos anos 1990, como as bandas Legião Urbana (“A minha única preocupação, no entanto, é a estreia de um filme de ação e a chegada do novo disco da Legião Urbana”, p. 51) e Scorpions (“Reconheço um assobio do rádio da loja, e o início de ‘Wind of Change’, do Scorpions, carimbou para sempre na minha memória o primeiro dia de trabalho”, p. 67). Estes símbolos contribuem para a verossimilhança do texto, deixando entrever o contexto histórico.

A história se desenvolve apresentando as mazelas da vida familiar, escolar e profissional do protagonista. Em família, sofre com os constantes comentários da “primeira tia”, que não poupa esforços para imprimir seus valores morais e dar ordens a toda a família: “mais velha e por parte de pai, reclama todo o tempo, a fim de usar uma suposta experiência para dar lições de moral em todos da família, especialmente nos mais novos” (p. 27). Tais “lições de moral” trazem um clima de tensão e instigam a simpatia do leitor ao jovem, um herói à margem da família, da escola e do trabalho. Estamos diante de um

protagonista que não enfrenta grandes vilões ou monstros, mas precisa enfrentar a si mesmo e a ordinária vida que leva.

No trabalho, sofre um acidente e queima as duas mãos na chapa da cozinha. A gerência, com medo de que um processo seja movido contra a empresa, transfere o jovem para o caixa. Enquanto espera o próximo da fila, passa a catalogar os clientes e a escrever suas frustrações diárias em guardanapos. Neste momento, surge uma frase icônica do romance: “O guardanapo é o novo papiro” (p. 156).

Vale notar que a narrativa, apesar de linear, faz uso do “fluxo de consciência” do protagonista. As impressões mentais, aquelas que não são ditas a ninguém no decorrer da história, são reveladas somente ao leitor, seu cúmplice na caminhada ficcional.

Nesse momento, é importante voltar o olhar para a teoria do discurso. Ao se analisar um texto literário, como realização de um ato discursivo, devem-se levar em consideração a identidade dos sujeitos — comunicante, enunciatador, destinatário e interpretante —, a intenção do emissor, os papéis sociais desempenhados pelos sujeitos envolvidos, o contrato comunicativo e as estratégias enunciativas utilizadas pelo locutor para atribuir coesão e coerência à sua enunciação. Por trás do véu do narrador e dos demais personagens, Henrique Rodrigues pode proferir seu discurso. Pode, assim, denunciar a desigualdade social, o preconceito e os conflitos familiares, e mostrar as mazelas pelas quais as “pessoas invisíveis”

passam todos os dias. Ao final da narrativa, na seção “Nota do autor”, ele revela o texto que o inspirou a escrever o livro: “Em 2013, (...) deveria apresentar dois poemas que tratassem da cidade e de mudanças. Um deles segue abaixo, e dele saiu a ideia para a produção deste romance” (p. 190).

O romance é escrito para leitores contemporâneos, que encontram na obra grandes dramas universais, como as relações familiares, a injustiça, as desigualdades sociais e o preconceito. Em meio a estas questões, surgem também as relações afetivas, amorosas.

Os espaços do romance são marcados pelos dilemas existenciais e sociais. No entanto, mesmo encontrando semelhanças entre a história do autor e do personagem central, não vale procurar quais fatos correspondem à realidade e quais foram criados pelo escritor. O que importa é o mergulho na narrativa que faz o leitor reviver ou conhecer, além dos dramas pelos quais passa o protagonista, os anos 1990 — o que contribui para ampliar, conseqüentemente, seu repertório e seus conhecimentos literários e de mundo.

Vale ressaltar que o protagonista de *O próximo da fila* chama a atenção para os percalços da vida, para os caminhos que escolhemos ou que nos é permitido percorrer, e com eles aprendemos muito, tanto sobre a vida quanto sobre a sociedade em que estamos inseridos.

Por fim, a leitura da obra de Henrique Rodrigues cumpre sua função literária e social de servir como registro de uma época, apresentando, além do contexto

histórico em que está inserida a narrativa, os conflitos dos jovens diante da entrada para o mundo adulto, suas escolhas, comportamentos e dilemas sobre questões que lhes são apresentados, como as relações familiares e interpessoais, as injustiças sociais, os preconceitos raciais e o mundo do trabalho.

Pré-leitura

Professor, para o trabalho com *O próximo da fila*, de Henrique Rodrigues, você pode propor aos estudantes:

1. Produzir um relato (oral ou escrito) a respeito de sua infância. Incentivar que os fatos sejam apresentados com descrições espaciais (para lugares) e físicas (para pessoas).
2. Levar 3 fotos da infância (com parentes, amigos, colegas de escola, vizinhos ou sozinhos). Por meio dessas fotos, promover uma roda de conversa em que os estudantes poderão falar sobre que sentimentos as fotos revelam e que lembranças provocam hoje neles.
3. Fazer uma roda de conversa sobre o tema “desigualdade social”. Perguntar aos alunos se eles sabem o significado da expressão. Para tanto, levar cenas (em slides, recortes de jornal e revista, desenhos...) em que a desigualdade social ocorre ou não, e pedir que eles descrevam o que

está acontecendo nas cenas até chegarem a um debate sobre o que é cidadania e igualdade/desigualdade social.

4. Ouvir a canção “O teatro dos vampiros”, da Legião Urbana. Leve a música e a letra impressa para que os estudantes leiam em voz alta (pode-se solicitar que um estudante leia para a turma), e, posteriormente, todos cantem juntos. Esta atividade vai sensibilizar e permitir que os estudantes entrem no clima dos anos 1990 e da história que será lida.

Pós-leitura

Professor, a seguir sugerimos algumas propostas de atividades para ampliar a relação dos estudantes com a leitura literária e com os conhecimentos linguísticos. Solicite que os alunos:

1. Escrevam frases de impacto contra o preconceito racial, que poderão ser lidas em sala e posteriormente fixadas no mural da classe ou do colégio. Se possível, as frases podem ser escritas em guardanapos grandes, fazendo um paralelo com o protagonista do romance, que escrevia nos guardanapos da lanchonete.
2. Escrevam, em 20 linhas, uma possível continuação da narrativa.
3. Escrevam uma redação sobre “A problemática da desigualdade social”.
4. Escrevam, de forma resumida, a história do ponto de vista da mãe. Essa atividade muda o

foco narrativo e permite inferir sobre os desdobramentos de outros personagens.

5. Elaborem poemas a partir dos temas e/ou personagens retratados no livro. Em seguida, façam um painel de poesia na sala de aula ou no pátio.
6. Criem diálogos entre personagens que não interagiram na história, fazendo com que possam oferecer suas opiniões e pontos de vista sobre o protagonista.
7. Inventem um novo episódio da vida do protagonista, indicando onde ele pode ser encaixado na narrativa.
8. Escrevam, em formato de notícia, sobre o acidente ocorrido na lanchonete com o protagonista, como se tivesse sido publicado em jornal da época.
9. Escrevam cartas com teor crítico a respeito da leitura da obra. Nas cartas, os alunos devem recomendar a leitura, apresentando argumentos que sustentem a recomendação. As cartas serão depositadas em uma grande “caixa de correio” que será confeccionada por professores e alunos. Essa caixa fará parte do acervo da biblioteca. Isso estimula a produção de textos críticos, proporcionando ainda a percepção de tendências e gostos da leitura por parte dos alunos da escola.
10. Produzam panfletos que discutam aspectos sociais abordados no texto.
11. Façam uma entrevista fictícia com o protagonista.

12. Escrevam uma canção inspirada na obra. Para tanto, os estudantes podem ser divididos em grupos de 4 a 6. O resultado deve ser apresentado para a turma cantando.
13. Produzam, coletivamente, um vídeo sobre a vida do protagonista e sobre as mazelas do mundo atual, mesclando, dessa forma, realidade e ficção. Pode-se usar, para tanto, um software de edição de imagens.
14. Produzam uma peça de teatro adaptando o romance, envolvendo toda a turma. Os alunos que não estiverem em cena poderão fazer parte da produção, maquiagem, figurino, cenário e divulgação para que outras turmas a assistam.
15. Escrevam um conto baseado na história para compor uma antologia da turma.
16. Escrevam uma crônica inspirada em uma cena do personagem central ou de um dos secundários.
17. Escrevam, de forma poética, as biografias de suas próprias vidas. Serão elaboradas em forma de livro, confeccionado artesanalmente pelos próprios estudantes. O objetivo é estimular os alunos, depois de observarem a vida do autor, a pensar sobre as próprias subjetividades, valorizando suas trajetórias de vida, mostrando o que já fizeram e gostam de fazer até aquele momento e o que pretendem fazer no futuro próximo e distante. As apresentações dos poemas podem, ainda, ser filmadas em celulares, editadas e postadas no blog

da escola, se houver; e os livros produzidos pelos alunos podem ser fotografados e postados como portfólio da turma, sendo exibidos para alunos de outras turmas e professores. Os livros físicos serão levados pelos alunos para as famílias como recordação das aulas de leitura e escrita.

18. Organizem uma mostra com objetos, filmes, músicas, vestimentas dos anos 1990, a fim de contextualizarem e conhecerem mais sobre o tempo em que é narrada a história, envolvendo professores de diferentes áreas, propondo uma atividade interdisciplinar.
19. Organizem um seminário sobre o tema “O mundo do trabalho”, envolvendo professores de diferentes áreas, propondo uma atividade interdisciplinar.

Interdisciplinaridade

Interdisciplinaridade é um conceito de meados da década de 1960, surgido na França, a fim de atender a reivindicações de ordem social, política e econômica que não encontravam respostas em uma única área de saber ou disciplina. No Brasil, a interdisciplinaridade aparece nas últimas Leis de Diretrizes e Bases (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Nacional (PCNs).

Apesar de ser um conceito, atualmente, bastante conhecido, ainda encontramos resistência na utilização de métodos interdisciplinares na rotina das escolas. O trabalho interdisciplinar exige planejamento coletivo, a fim de abarcar conteúdos e atender a objetivos de interesse de mais de uma disciplina.

O próximo da fila, de Henrique Rodrigues, possui uma temática que possibilita o trabalho interdisciplinar com as áreas de Língua Portuguesa, História, Geografia, Artes e Sociologia. Com os professores de História e Geografia, pode ser feita a contextualização temporal e espacial da

obra. Os professores de Língua Portuguesa, Sociologia e Artes podem solicitar uma pesquisa, seguida de debate e de produção textual, sobre o tema “Jovens da década de 1990 e jovens contemporâneos: o que mudou?”.

As temáticas sobre projeto de vida, inquietações da juventude e sua inserção no mercado de trabalho, presentes na obra, possibilitam debates que envolvam temas como “preconceito racial” e “desigualdade social” e que podem ser realizados, de forma integrada com professores das áreas supracitadas, no auditório do colégio ou na sala de aula.

Para a elaboração de um projeto interdisciplinar, sugerimos as seguintes atividades:

- Organizar uma sessão do filme *Somos tão jovens*, sobre Renato Russo e a Legião Urbana, seguida de debate sobre as questões comuns ao filme e ao livro.
- Após pesquisa sobre músicas dos anos 1990, organizar com os alunos um festival artístico em torno do tema, com apresentações de músicas com bandas formadas pelos alunos.
- Organizar um seminário sobre o tema “O Jovem e a Cidade”.

Para saber mais...

Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CANDIDO. Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Sites de referência

Henrique Rodrigues (site oficial)

<http://www.henriquerodrigues.net/>

Blog da Record

<http://www.blogdaeditorarecord.com.br/2015/08/27/139/>

Vida Breve

<http://www.vidabreve.com/>

